COMUNICAÇÃO COORDENADA: MÍDIA IMPRESSA, MÚLTIPLAS REFLEXÕES

OS ARGENTINOS "INVADEM" O BRASIL : A REPRESENTAÇÃO DOS "HERMANOS" NO DISCURSO JORNALÍSTICO SULINO

Nilda Jacks
Marcia B. Machado
Karla Muller
FABICO/ UFRGS

O foco da análise são as matérias divulgadas pela imprensa sulina, sobre o turismo e o esporte, que envolvem a participação da Argentina.

A escolha destes objetos, além de envolver o interesse de grande parcela das populações e dos leitores de jornais, pode revelar aspectos que extrapolam as relações formais e oficiais entre Brasil e Argentina, pondo à mostra elementos que compõem a experiência concreta dos sentimentos de "brasilidade" e "argentinidade", no confronto que articulam.

São tratados, sob o ponto de vista da análise do discurso, as matérias de Zero Hora e Correio do Povo, os jornais de cobertura estadual de maior circulação no RS e Diário Catarinense com circulação em SC.

Palavras- chave: jornalismo, análise do discurso, representação

Este texto tem como tema a análise da cobertura jornalística do turismo argentino no sul do Brasil, durante as férias de verão, tratando, por meio de uma análise do discurso, da construção destas representações pela imprensa[xxvi]. Faz parte do estudo, ainda, a análise da cobertura esportiva, a qual não será apresentada aqui.

A escolha do turismo e do esporte como objetos de estudo, além de envolver o interesse de grande parcela das populações e dos leitores de jornais dos dois países, pode revelar aspectos que extrapolam as relações formais e oficiais entre eles, pondo à mostra elementos que compõem a experiência concreta dos sentimentos de "brasilidade" e "argentinidade", no confronto que

articulam. São, por outro lado, dois assuntos recorrentes nas páginas dos jornais sulinos, pela proximidade deste estado brasileiro com a Argentina.

Em um estudo realizado por Ford, Martini e Mazziotti (1996) sobre a contribuição do jornalismo para o processo de integração no Mercosul, relativo à formação da opinião pública e do imaginário social, as matérias informativas são identificadas em duas zonas: as "duras", como a política nacional ou internacional e a economia, e as "brandas", como espetáculo/ cultura, policial, geral, saúde, ecologia, turismo etc, classificação baseada nas estratégias comunicacionais de cada uma. Os autores afirmam, por outro lado, que o impacto mais forte sobre o imaginário social provém das zonas "brandas", especialmente porque tem caído o interesse dos leitores pelas zonas "duras", que são dirigidas aos especialistas, embora ambos os tipos de matéria atendam a critérios de noticiabilidade[xxvi]. Acrescentam ainda que estudar as zonas "brandas" é importante porque "al establecer contratos de lectura que exigen mayor nivel de comunicación, es decir mayor atención al lector, dan más información, oblicuamente, sobre la sociedad" (idem: 179).

> Na via deste entendimento, o objetivo da análise é evidenciar, nas matérias jornalísticas que tratam das relações entre Argentina e Brasil, entre argentinos e brasileiros, nas abordagens já definidas, elementos que permitam mapear os conceitos e preconceitos, as noções sobre integração e intercâmbio cultural, o papel das inter-relações pessoais/ grupais e das instituições culturais na construção da integração, entre outras questões derivadas do mesmo problema. Sem desconsiderar a longa trajetória histórica das relações entre Brasil e Argentina, o eixo temporal no qual estará circunscrita a pesquisa será o da vigência do tratado do Mercosul[xxvi], que foi assinado a 1° de janeiro de 1995.

Ao analisar sistematicamente a imprensa gaúcha e catarinense, atuantes nos dois estados que recebem o maior fluxo turístico argentino, os quais, portanto, dinamizam os contatos interpessoais e oportunizam a circulação de conceitos e preconceitos, pode-se avaliar parte da repercussão de suas presenças em território brasileiro. Por outro lado, a análise do jornalismo esportivo também evidencia, através da disputa, do corpo-a-corpo, o enfrentamento da rivalidade que se constrói a cada evento, revelando as diferenças e preconceitos entre os dois países.

Com isto, pode-se ter à mão parte dos elementos que entram na construção da opinião pública[xxvi], a qual é parcialmente responsável pela consolidação do "projeto" Mercosul, do qual Brasil e Argentina são os principais membros. Com estes elementos pode-se avaliar e reavaliar os processos que estão em curso, especialmente se forem comparados os mesmos aspectos pela perspectiva argentina[xxvi], e pensar projetos mais amplos de integração, que abranjam inclusive a imprensa, extrapolando os limites dos acordos econômicos.

Muitos foram os motivos que levaram à escolha deste tema. O mais recente refere-se ao comportamento da imprensa do sul do Brasil com respeito ao turismo argentino, especialmente durante o veraneio de 2000. Neste período, uma das tônicas foi o comportamento dos turistas argentinos em território brasileiro, tratado, tanto pela imprensa gaúcha como catarinense, de forma bastante crítica e às vezes preconceituosa[xxvi].

Os acidentes de trânsito que envolveram turistas argentinos em ruas e estradas gaúchas e catarinenses ganharam destaque na imprensa diária, não raramente apontando-os como culpados, mesmo antes de qualquer conclusão técnica. Aliado a isto, a polêmica sobre a cobrança de multas[xxvi], uma vez que no início da temporada de verão os turistas saíam do Brasil sem pagá-las[xxvi], o que segundo a imprensa resultou em um grande prejuízo para os cofres públicos. Com a nova lei de trânsito brasileira, as infrações tornaram-se mais caras e as exigências e fiscalizações mais rígidas, tomando os antigos e novos freqüentadores argentinos de surpresa e deixando-os em dívida com o Brasil.

É claro que este ponto de vista ultrapassa o âmbito da imprensa, pois quem anda pelas cidades do litoral sul ouve freqüentemente a população local reclamando, mesmo usufruindo dos resultados financeiros trazidos por eles (Schmeil, 1994:105).

O enfoque dado às notícias sobre os argentinos foi sem complacência, e muito mais duro quando se referia a conflitos pessoais, em especial entre os jovens que comportavam-se fora de certos padrões socialmente aceitos. Schmeil (1994: 59) aponta as características deste comportamento[xxvi]:

> "nas boates, eles dançam, riem e berram muito. Em alguns momentos, no auge da descontração eles aclamam em coro o seu país gritando: Argentina! Argentina! Argentina! (...) São bastante exaltados quando estão em bando. (...) O fato deles andarem agrupados os deixam muito mais corajosos. Parecem não temer nada, ou

> desafiar a tudo e a todos. Falam muito alto, berram, cercam garotas, fazem propostas das mais variadas a elas, correm em alta velocidade com seus carros, etc. A impressão que se tem é que parecem desesperados para extravasar emoções contidas no seu cotidiano argentino".

Muitas das questões que envolvem os dois países são enfrentadas por instâncias governamentais ou como experiências à distância, como nos eventos esportivos transmitidos pelos meios de comunicação, mas acabam repercutindo na opinião pública de forma muitas vezes emocional, como substrato de um antigo sentimento de rivalidade que volta e meia vem à tona. Tanto argentinos quanto brasileiros, diz Schmeil (1994: 128), "são fortemente influenciados por um sistema de representação prévio que ultrapassa o presente contexto. (...) um sistema de representações que é fruto não só da mídia em geral, mas de uma história longa de relações políticas e econômicas entre Brasil e Argentina, marcada, quase sempre por divergências e conflitos". Segundo Ginesta (1994: 73), "todos sabemos que la historia de nuestros países comenzó en medio a conflitos cruentos, que dejaron secuelas de desconfianza y rivalidad en las relaciones posteriores, aunque las luchas armadas entre los mismos, no se repetieron desde finales del siglo XIX"[xxvi].

A ANÁLISE E SEUS PRIMEIROS RESULTADOS

O corpus da análise é constituído pelos jornais Zero Hora e Correio do Povo, periódicos de cobertura estadual de maior circulação no Rio Grande do Sul, e pelo Diário Catarinense, em circulação em Santa Catarina. O período de análise, mesmo tendo a vigência do Mercosul como cenário, foi limitado aos meses de janeiro e fevereiro de 2001, quando o assunto em foco for o turismo, por tratar-se da temporada alta. No que se refere ao esporte, que não é um assunto sazonal, o período abrangeu de setembro de 2000 a fevereiro de 2001, para coincidir com o final do período destinado à análise do fluxo turístico[xxvi].

Por solicitação do comitê de avaliação do projeto, foram incluídos na análise o levantamento das matérias publicadas sobre os países membros ou potencialmente membros do Mercosul, além das matérias sobre o referido acordo.

Os aspectos quantitativos deste levantamento podem ser vistos na tabela abaixo:

Correio do Povo / Janeiro e Fevereiro 2001

	Argentina	Uruguai	Chile	Paraguai	Bolívia	Mercosul
Direta	183	53	56	13	6	17
Indireta	142	71	43	47	11	30

Zero Hora/ Janeiro e Fevereiro 2001

	Argentina	Uruguai	Chile	Paraguai	Bolívia	Mercosul
Direta	182	59	52	30	1	7
Indireta	208	110	61	46	15	51

Diário Catarinense/ Janeiro e Fevereiro 2001

	Argentina	Uruguai	Chile	Paraguai	Bolívia	Mercosul
Direta	166	11	52	8	4	13
Indireta	151	41	37	29	10	18

Em termos do objeto de estudo propriamente dito, o esporte e o turismo, a aparição de matérias direta e indiretamente vinculados com a Argentina apresentaram estes resultados:

Correio do Povo/ Janeiro e Fevereiro 2001

	ANÁLISE		APOIO[xxvi]
	ESPORTE	TURISMO	
Direta	29	49	105
Indireta	29	15	100

Zero Hora/ Janeiro e Fevereiro 2001

	ANÁLISE		APOIO
	ESPORTE	TURISMO	
Direta	49	48	105
Indireta	51	23	140

Diário Catarinense/ Janeiro e Fevereiro 2001

	ANÁLISE		APOIO
	ESPORTE	TURISMO	
Direta	21	94	56
Indireta	35	55	62

Isto significa que do Correio do Povo serão analisadas **49 matérias de turismo**, da Zero Hora serão analisadas **48 e** do Diário Catarinense **94.** O esporte ainda apresenta levantamento parcial, relativo aos meses de janeiro e fevereiro de 2001, mas já evidencia algumas tendências, como pode ser observado no quadro acima.

O procedimento que está sendo realizado para a análise preliminar das matérias tem sido o de agrupá-las por abordagens temáticas e seqüenciais no decorrer das edições dos jornais. Assim, o pequeno ensaio que apresentamos a seguir mostra como será tratada a análise do discurso jornalístico sobre o tema do esporte e do turismo, para ressaltar a postura do jornalismo sulino ao tratar da maior rivalidade vivenciada com um país vizinho ao nosso.

"A INVASÃO ARGENTINA"

Com este título, publicado em sua contracapa no dia 4 de janeiro de 2001, o Diário Catarinense inaugurou uma polêmica que ganhou corpo no próprio jornal nas edições subseqüentes. O título, seguido do subtítulo *"Mais de 1,5 milhão de turistas deverão passar as férias no Brasil"*, remetia a uma reportagem no interior do jornal editada na seção de economia. Esta reportagem, por sua vez, tratava da preocupação do governo argentino com a evasão de

pessoas e dólares no veraneio – a previsão era de que os argentinos gastariam fora do país cerca de US$ 2,5 bilhões, prejudicando a economia interna.

O enfoque da reportagem, intitulada *"De la Rúa tenta segurar turista"*, é notadamente econômico, embora, como veremos, o texto seja sutilmente permeado pelo sentido de "invasão". Na contracapa, o jornal usou uma certa licenciosidade no trato da informação, priorizando o tom sensacionalista que possibilita caracterizar os argentinos como invasores.

É importante avaliar os sentidos que atravessam a expressão *invasão*. Grosso modo, invadir significa tomar à força, ocupar violentamente, obrigar alguém a aceitar sua presença e suas regras. Simbolicamente, a palavra *invasão* tem uma conotação agressiva, bélica e transgressora. É praticamente impossível invadir sem violência. Invadir também supõe que na outra ponta exista alguém mais fraco, desfavorecido, fragilizado e impotente. A invasão é uma imposição, uma violação à autonomia, uma negação da liberdade. O invasor está em vantagem e detém o poder. Para aquele que sofre a invasão, o invasor é um inimigo que transtorna a "ordem natural" das coisas. Quem sofre a invasão vê o seu poder subitamente suprimido: antes detentor do território, seja este físico ou cultural, agora está em desvantagem, em posição subserviente; antes no comando, agora está sob o risco de ser comandado. Instintivamente, o "invadido" se posiciona como alguém que deve obrigatoriamente defender seu território.

Foi nessa posição de sujeito, e vendo a chegada de turistas sob este enfoque, que o jornalista se permitiu utilizar a expressão "invasão" na chamada de contracapa. À primeira vista, poderíamos dizer que ele cometeu um erro ao privilegiar o sentido da invasão. De fato, a primeira impressão é de que o título da contracapa está descolado do enfoque essencialmente informativo e econômico da reportagem interna. Quando submetemos o texto à Análise do Discurso, no entanto, encontramos na reportagem o sentido que o editor elegeu como principal para redigir a chamada. Embora este sentido atravesse o texto de modo relativamente sutil, ele está lá e pode ser encontrado quando localizamos as suas marcas.

O argentino é percebido como um invasor quando o texto diz que *"mais de 1,5 milhão de 'gringos' se* ***espalharão*** *pelas praias brasileiras"*. Eles não apenas chegam, eles se espalham – ou seja, ocupam um espaço que não é seu. No Brasil, costuma-se dizer que um indivíduo "se espalha" quando rompe o limite de seu próprio espaço, ocupando compulsoriamente um território que era de outro. A imagem de 1,5 milhão de pessoas ocupando espaços de outras é no mínimo

aterrorizadora. Note-se ainda a expressão pejorativa "gringos", usada para estrangeiros oriundos de países desenvolvidos, especialmente norte-americanos e europeus, que no ideário do senso comum brasileiro são turistas que exibem seu dinheiro e muitas vezes desrespeitam a cultura local.

A idéia de invasão é reforçada ainda pela expressão "êxodo", no trecho *"o* ***êxodo*** *argentino para praias longínquas"*. Essa imagem encontra eco em outro enunciado da reportagem: *"Querendo* ***fugir*** *das frias e lotadas praias argentinas, onde a areia é grossa e os preços elevados, os 'hermanos' argentinos procuram os mais diversos lugares litorâneos no Brasil"*. Os "hermanos", expressão cotidianamente utilizada no sul do Brasil para definir especialmente os turistas argentinos, migram para o Brasil em busca de águas quentes, areias finas e preços acessíveis.

Esse sentido, que atravessa diagonalmente o texto, não foi inventado pelo jornalista que redigiu a chamada da contracapa. Embora o tom hegemônico seja informativo (número de turistas, estimativa de crescimento da economia local etc.), reside no texto um sentido que permite ao editor cometer o que seria mais tarde visto pelos leitores como uma transgressão ou uma ofensa. Na posição que ocupava, o jornalista se achava autorizado a construir a imagem do turista argentino como um invasor. Em termos de Análise do Discurso, considerando que uma Formação Discursiva é definida como "aquilo que pode e deve ser dito", a verdade é que ele podia mobilizar e até privilegiar o sentido da invasão – se, porém, segundo as regras jornalísticas, *deveria* tê-lo feito, já é uma discussão que envolve a ética do campo jornalístico. O fato de um grande número de turistas argentinos escolher o litoral de Santa Catarina, ano após ano, torna a questão um tema recorrente, criando uma espécie de "conhecimento anterior" sobre o assunto. No senso comum dos gaúchos e catarinenses, os argentinos são quase "onipresentes" no veraneio do sul do Brasil, estando em todos os lugares e ocupando todos os espaços.

No dia seguinte, 5 de janeiro, o Diário Catarinense assumiu declaradamente o sentido da invasão, alçando-o à capa, na posição mais importante do jornal: a manchete. *"Começa a invasão de argentinos ao litoral de SC"* é a manchete de 5 de janeiro, remetendo à reportagem intitulada *"Começa a invasão de argentinos no Estado"*, com o subtítulo *"Mais 1,5 milhão de visitantes do país vizinho chegam ao Litoral de SC até fim de fevereiro"*. A primeira imagem de ameaça é construída pelo verbo "começar". Ele emite um sinal de alerta, como se dissesse "perigo, cuidado, *eles* estão chegando". Recompõem-se aqui os sentidos da invasão que citamos

anteriormente, dando ênfase a uma espécie de violência simbólica que torna os argentinos perigosos antagonistas. Apenas como observação, note-se que a reportagem diz que Santa Catarina receberá 1,5 milhão de argentinos. No dia anterior, essa mesma estimativa valia para todas as praias brasileiras, e não apenas para o Estado. De um dia para o outro, o Brasil se reduziu a Santa Catarina.

A invasão, agora expressa ostensivamente, consolida-se pelo significado residente no trecho "*Santa Catarina começa a recepcionar os argentinos, que estão chegando* ***em peso*** *desde ontem em Florianópolis*". Apesar de o verbo "recepcionar" pressupor uma espécie de consentimento (nós recepcionamos aqueles a quem convidamos), esse sentido é logo anulado pela expressão "em peso" e por um trecho que vem a seguir, em que a imagem ameaçadora dos invasores se consolida: "*Hoje, às 14h30min,* ***desce*** *no Aeroporto Hercílio Luz, em Florianópolis,* ***o primeiro de uma série*** *de vôos charter que virão de Buenos Aires para Santa Catarina*". Poucas coisas são mais geradoras de horror do que a idéia de uma invasão espacial com hora para começar. O sentido subjacente a esse enunciado é o de "preparem-se, às 14h30min seremos invadidos por argentinos", comparáveis no imaginário da ficção científica com seres extra-terrestres.

Para encerrar o texto sem deixar dúvida sobre os prováveis estragos causados pelos argentinos que chegam "em peso" ao território catarinense, o último enunciado articula-se no sentido do desconforto: "*Com os argentinos, chegaram também os congestionamentos*". Os argentinos são, assim, indivíduos que vêm causar transtornos à organização do lugar e à sua arquitetura. Apesar de trazerem alento à economia local, injetando dólares no comércio e no setor de prestação de serviços, ainda assim são invasores que atormentam.

O fato é que nem todos pensam assim. Houve uma reação dos leitores que não estava prevista na construção daquele discurso. Pode-se dizer que o jornalista partiu de uma formação imaginária de seu leitor (respondendo à questão "quem é ele para que eu lhe fale assim?") que desconsiderou a intrincada relação entre o campo cultural e o campo econômico. No dia 7, o editor-chefe do jornal, Claudio Thomas, viu-se obrigado a tratar da questão na coluna "Direto ao leitor". No texto "*Os títulos sem dupla interpretação*", Thomas abordou a reação de leitores que "telefonaram, enviaram fax ou e-mail para protestar contra a expressão 'invasão'" utilizada pelo jornal. Colocado em uma posição de sujeito em que ele é o responsável pelo discurso em questão, e agregando o fato de que fala de um lugar em que deve defender a política editorial do veículo,

Thomas acaba reforçando a idéia de invasão com argumentos que na verdade passam ao largo do compromisso social do jornalismo de não ofender e não discriminar quem quer que seja.

O editor começa tentando desqualificar a crítica recebida. *"**Uma palavra** causou um **alvoroço** na última sexta-feira na Redação do Diário Catarinense"*. Posicionando a crítica dos leitores como uma reação fútil, um "alvoroço" em torno de "uma palavra" (afinal, o que é uma palavra?), um alarido – como se diz no Rio Grande do Sul quando se quer expressar um debate sem importância e com o qual não se deve perder tempo –, Thomas quer fazer crer que "apenas" uma palavra não deveria causar tamanho desconforto nos leitores. Parece não compreender a força da expressão usada e desconsidera a complexidade dos sentidos que o termo "invasão" carrega. Parece não ter consciência do poder que lhe é delegado pelo ato aparentemente simples de *nomear*. No processo de desqualificação da crítica que sofre pelos leitores, utiliza o verbo "brandir" para representar a fala de um leitor (além de tudo, um suspeito argentino): *"'Vocês não têm dicionário para saber o significado de invasão?', **brandiu um argentino**, residente em Florianópolis há vários anos, **mas que não quis se identificar**"*. Está provado que os argentinos têm algo a esconder, visto que o leitor, um invasor declarado que se mudou para Florianópolis "há vários anos", "não quis se identificar". Brandir é um verbo utilizado quando se quer nomear a defesa de uma causa; no caso o leitor estaria falando em causa própria e por isso sua crítica seria suspeita. Além disso, o verbo carrega o sentido de uma defesa raivosa, emocional, podendo soar como irracional.

Thomas responde que o dicionário Aurélio (o mais conhecido dicionário brasileiro) define invasão como o ato de invadir, admitindo também o sentido de *"alastrar-se por, espalhar-se"*. E conclui, defendendo o uso da expressão: *"os turistas argentinos **estão realmente se alastrando ou se espalhando** pelas praias catarinenses"*. O editor reafirma a legitimidade da expressão "invasão" pelo fato de que, como pode ser comprovado pelas estatísticas, os argentinos estão "realmente" – significando um fato, um dado incontestável, um número objetivo e por isso utilizado pelo jornalismo – chegando "em massa" a Santa Catarina. *"O título do DC não teve nenhuma intenção preconceituosa ou contrária aos turistas argentinos. Pelo contrário. É o **retrato de uma constatação** de que Santa Catarina deverá registrar o recorde histórico de turistas argentinos, uruguaios, paraguaios e brasileiros de outros estados*", diz o editor. Subitamente, a invasão já não se refere apenas aos argentinos, como estava claramente

demonstrado nos títulos dos dias 4 e 5, agora passa a incluir uruguaios, paraguaios e brasileiros. Thomas atém-se ao que considera um argumento irrefutável (um fato que deve ser obrigatoriamente retratado pelo jornalista), desconsiderando o sentido mobilizado pela crítica: a não aceitação de uma expressão de caráter preconceituoso, que interpõe a um fato um juízo de valor.

Ainda para colocar a crítica sob suspeição, é interessante notar que, entre as manifestações recebidas, o editor tenha escolhido a opinião de dois leitores para citar em sua coluna: uma, do argentino que não quis se identificar; a outra, de um empresário do setor de turismo. Ambos, evidentemente, podem ser percebidos pelo leitor da coluna como sujeitos cujos interesses pessoais estão em jogo e ordenam a reação, logo, como sujeitos cuja autoridade para emitir opinião pode ser questionada.

Para encerrar, devemos comentar o título escolhido pelo editor para a coluna, "Os títulos sem dupla interpretação". Como a Análise do Discurso e os Estudos Culturais nos ensinam, os sentidos são construídos ou se "completam" quando sobre eles agem as percepções do receptor, não havendo portanto a possibilidade de uma única interpretação. Os títulos jornalísticos com a carga de sentidos como os aqui postos em questão são altamente complexos e o máximo que o jornalista pode pretender é indicar um sentido de leitura preferencial, que nem sempre será admitido como tal pelo receptor. O que ocorre, no processo de construção desses sentidos, é um embate estruturado em torno das mediações que atravessam o discurso, incluindo-se aí a cultura e o conhecimento de cada sujeito envolvido no processo. A eliminação da polissemia é uma pretensão do jornalismo e dos jornalistas que se vêem (se imaginam) como detentores de um saber monolítico e incontestável, em que não há lugar para a dupla, quem dirá para a múltipla, interpretação.

A polêmica foi deslocada então para o universo do leitor, ficando restrita ao espaço de opinião das cartas dos leitores. Até o final do mês de janeiro, o Diário Catarinense publicou cartas de sete pessoas abordando o tema. Destas sete, cinco criticavam o jornal e duas o apoiavam. É interessante observar que, das cinco manifestações contrárias ao uso da palavra "invasão", quatro são assinadas por empresários, sendo três deles claramente atuantes no setor de turismo. Não sabemos ainda se foi uma escolha deliberada do editor da seção, mas a Análise do Discurso nos autoriza a dizer que a relação entre os interesses pessoais do missivista e sua opinião constrói uma estratégia discursiva que, ao final, ajuda a colocar sob suspeita a autoridade

e a legitimidade dessa opinião. Podemos concluir que, sendo empresários que dependem dos turistas e em especial dos turistas argentinos, não poderiam expressar outro sentimento que não o de repúdio à postura do jornal.

Nessas cinco cartas que contestam o termo "invasão", há *dois sentidos principais e entrelaçados*, evidenciados pela Análise do Discurso: 1) a defesa dos turistas; 2) a idéia de que o jornal não só passou dos limites da "boa educação", mas se excedeu no que se refere ao próprio exercício do jornalismo. Esses sentidos podem ser percebidos no seguinte trecho: *"O DC é um jornal que exerce muita* ***influência*** *na formação da* ***opinião pública*** *- utilizar este termo* [invasão] ***vai fazer com que os seus leitores*** *criem uma* ***repulsa*** *contra aqueles que estão* ***salvando a nossa economia*** *durante o Verão. Peço, como especialista no assunto de turismo, que não usem mais esta* ***infeliz expressão****"* [08/01]. O leitor, empresário do turismo, aborda a responsabilidade social do jornalismo, que pode, por sua penetração junto ao leitor, criar uma opinião contrária à presença dos argentinos, prejudicando a economia local.

Essa carta foi a única que mereceu uma "nota da redação", ou seja, uma resposta do editor. Um dia depois da coluna em que o jornal oficialmente defendia sua escolha discursiva, agora nota-se um recuo, configurado em um tímido "mea culpa" – nem tão explícito que pareça que o jornal errou, nem tão sutil que pareça soberba diante do leitor. Diz a Nota de Redação: *"Não foi esta a intenção do DC.* ***Talvez*** *o jornal tenha sido* ***infeliz*** *ao utilizar a palavra invasão, mas desde o início da temporada de Verão o DC está mostrando de forma* ***positiva*** *a grande movimentação de turistas que estão desfrutando as belezas das praias catarinenses"*.

Como exemplo, citamos alguns trechos dessas cartas, ressaltando as marcas que contribuem para construir esses dois sentidos principais:

"Por invasor devemos tratar os inimigos e ***não os amigos****. Turista é* ***visitante*** *e não um invasor."* [08/01]

"Lamentável o destaque ***equivocado*** *que os profissionais da imprensa estão dando ao* ***bem-vindo e alentado*** *fluxo de turistas a Santa Catarina. O termo 'invasão', utilizado há alguns dias na capa do DC, não é exatamente o apropriado, pois* ***não trata com educação e respeito*** *aqueles que nos* ***visitam****. Com relação ao turismo, vamos divulgar boas notícias, boas perspectivas, sem, entretanto, usar de* ***sensacionalismo*** *para comparar os reais e dólares que aqui chegam com 'invasões' indesejáveis."* [10/01]

*"O DC **não foi feliz** em uma de suas capas da semana passada."* [13/01]

*"Conforme o DC pode ter sentido, a forma pela qual o jornal intitulou os **'nossos' turistas argentinos**, chamando-os em uma de suas manchetes de invasores, desagradou **a todos**. Desagradou aos turistas, que esperamos apenas um pequeno número deles tenha tido o **desprazer** de ler a manchete e a reportagem. Desagradou aos profissionais do turismo, que na parte de receptivo **dependem diretamente deles**. E desagradou de um modo geral a todo catarinense, que de maneira simpática e cordial vem **recebendo** os turistas argentinos..."* [15/01]

O Diário Catarinense publicou, como contraponto, cartas de dois leitores que concordam com a escolha discursiva do jornal. Um deles é industrial, o outro é estudante de Direito. O primeiro segue a linha discursiva utilizada pelo editor-chefe no dia 7 de janeiro, ou seja, reduz a importância da polêmica e sugere que a reação foi despropositada. Usa então a ironia para expressar a idéia subjacente de que todos estariam fazendo "muito barulho por nada", ou, como se diz no Brasil, "uma tempestade em copo d'água". Diz o leitor: *"Ora, a expressão 'invasão de turistas' não significa que estamos sendo alvos de **tanques, fuzis e bombas atômicas**, mas que um número muito expressivo de visitantes está chegando. **Só isso**."* [19/01] É mais ou menos como se o leitor dissesse que a reação é histérica, desproporcional e injustificada, e que é preciso voltar ao patamar da discussão racional.

A carta do segundo leitor é ambígua: *"Dividir a areia com latas de cerveja, chepas de cigarro e camisinhas é muito mais 'desprazer' do que ler uma **boa reportagem** que emprega o adjetivo de 'invasores' de forma muito subjetiva, mas severamente criticada."*[19/01] É certo que ele minimiza a reação de outro leitor (15/01), que desejara que poucos argentinos tivessem tido o "desprazer" de ler a manchete e a reportagem que trata da invasão. É difícil compreender, no entanto, a que ele se refere exatamente quando trata da sujeira das praias catarinenses. Há pelo menos duas leituras possíveis para esse texto: ou ele está sugerindo que este é um assunto mais relevante e por isso mais merecedor da atenção das pessoas do que a polêmica em torno da expressão "invasão", ou ele está traçando uma relação não explícita entre os turistas argentinos e o fato da praia estar repleta de latas de cerveja, cigarros e camisinhas.

De modo geral, vemos que a repercussão se construiu em torno do sentido expresso pela palavra "invasão", reforçando nossa leitura de que era o sentido predominante nos textos dos dias 4 e 5. A polêmica também referenda a tese da polissemia da palavra, ou seja, a de que o discurso carrega sempre variadas possibilidades de interpretação, nem sempre coincidentes com o sentido

preferencial pretendido pelo autor. É evidente que o editor não esperava por tamanha reação, mas não a esperava por desconsiderar a complexidade do discurso jornalístico.

O jornalista amparou-se em uma idéia que considerava "natural" e consensual, a idéia de que os turistas argentinos são invasores e ultrapassam não só uma fronteira física, mas também uma fronteira imaginária que se movimenta em torno das diferenças sociais e culturais. Na posição em que estava, fica claro que não poderia ter construído esse discurso, sob muitos pontos de vista preconceituoso e pleno de contestáveis juízos de valor.

PRIMEIRAS CONCLUSÕES

A leitura e o mapeamento dos meses de janeiro e fevereiro dos jornais Zero Hora, Correio do Povo e Diário Catarinense nos permitem uma primeira observação sobre as diferenças e semelhanças entre os veículos.

Os jornais gaúchos optam, de forma genérica, pelo mesmo tom na cobertura da presença de turistas argentinos no Estado e no país: um tom essencialmente informativo, amparado em dados que podem ser classificados como "objetivos", "precisos" e "imparciais". Tanto Zero Hora quanto Correio do Povo dirigem seus esforços para os assuntos políticos e econômicos que envolvem a Argentina, com destaque para as questões de economia rural e para os temas relativos à política interna do país e às relações exteriores que podem de algum modo vir a prejudicar a consolidação do Mercosul. Observamos que um dos motivos para a preocupação gaúcha com o que se pode circunscrever como as "áreas duras" do jornalismo (notadamente política e economia) é a existência de uma extensa fronteira territorial com a Argentina, por onde transitam grandes negócios, principalmente na área rural. Os turistas argentinos, por sua vez, merecem especialmente o acompanhamento das questões de segurança nas estradas e dos casos em que são vítimas da violência e da criminalidade em território gaúcho.

Apesar de suas diferenças de formatação e de linha editorial, podemos dizer que Zero Hora e Correio do Povo se aproximam em termos discursivos, elegendo como eixo a construção de um discurso majoritariamente não ofensivo, não discriminatório e não preconceituoso. Não estamos desconsiderando as exceções, que existem e serão analisadas, mas nossa leitura cotidiana dos jornais nos autoriza a dizer que a cobertura passa quase sempre longe da polêmica e da contestação.

Não se pode dizer o mesmo sobre o Diário Catarinense, pertencente à mesma empresa que produz Zero Hora (a RBS, maior empresa de comunicação do sul do Brasil). No principal jornal de Santa Catarina, a presença de turistas argentinos merece grande destaque. Em virtude da beleza das praias catarinenses, o turismo é uma das grandes fontes de riqueza do Estado. Turistas movimentam a economia, e por isso há uma relação intrínseca entre o campo cultural – incluindo questões de comportamento, lazer e estrutura das cidades – e o campo econômico. No caso que escolhemos para analisar neste primeiro momento, o discurso jornalístico produzido a partir de uma informação objetiva relacionada à economia mostra o quanto esse discurso pode ser de certo modo "contaminado" por valores históricos e culturais.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BIEBER, León. "Paralelos e diferenças na conformação de blocos de integração regional na Europa e na América Latina'. IN PLÁ, Juan Algosta (coord). *O mercosul e a Cominidade Européia. Uma abordagem comparativa.* Porto Alegre. Ed. da Universidade, 1994.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia*; a propaganda da Petrobrás. São Paulo, Unesp, 1998.

CELADA, María Teresa. A fundação de um destino para a pátria argentina. In ORLANDI, Eni (org.) **Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional.** Campinas. Pontes, 1993.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito.* Campinas: Pontes, 1987.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina e JACKS, Nilda. Indústria Cultural Gaúcha: dados sobre a oferta. **Revista da Famecos**. Porto Alegre. n° 7. 1997. pp-158-167

_____, JACKS, Nilda; HAUSSEN, Dóris. Indústria Cultural Gaúcha: estudo dos meios de comunicação e sua inserção na cultura local e regional. **Relatório de Pesquisa**. FAPERGS, 1996.

FLORÊNCIO, Sérgio Abreu e ARAÚJO, Ernesto Henrique. **Mercosul Hoje**. São Paulo. Alfa- ômega, 1995.

FORD, Anibal; MARTINI, Stella; MAZZIOTTI, Nora. Construcciones de la información

en la prensa argentina sobre el Tratado del Mercosur. In CANCLINI, Néstor García (coord.). **Culturas en globalización. América Latina- Europa- Estados Unidos: livre comércio e integración**. Buenos Aires. CNCA/ CLACSO/ Nueva Sociedad, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1995.

GINESTA, Jacques. **El Mercosul y su contexto regional e internacional**. Porto Alegre. Editora da Universidade, 1999.

JACKS, Nilda. **Querência. Cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção**. Porto Alegre. Editora da Universidade, 1999.

JENSEN, Klaus Bruhn. **Making sense of the news**. Aarhus. Aarhus University Press, 1986.

_____. **La semiótica social de la comunicación de masas**. Barcelona. Bosch Editores, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura.* São Paulo, Cortez, 1993.

_____. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal.* Rua, revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp. N. 1, mar. 1995.

SCHMEIL, Lilian. Alquilase una isla: turistas argentinos em Florianópolis. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina, 1994

SEGATO, Rita Laura. El vacío y su frontera: la busqueda del outro lado en dos textos argentinos. In **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, N.12, p. 83-101, Dezembro de 1999

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Revista Comunicação e Linguagens. Lisboa, Vega, 1993.

WOLF, Mauro. **La investigación de la comunicación de masas**. Paidós. Barcelona, 1987